

Memórias, identidade Negra e Vestígios na Capela de Nossa Senhora Aparecida: Um entrelaçamento de biografias.¹

Karina de Lima Lopes²

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a construção da identidade negra e a preservação de memórias na "Comunidade dos Milagres" (Fortaleza-CE), compreendendo a Capela de Nossa Senhora Aparecida como um "arquivo vivo" de resistência e representatividade. Através da escrivência, da etnografia e das biografias, a pesquisa posiciona a antropóloga e seus interlocutores como produtores de conhecimento, rompendo com a lógica do "objeto de pesquisa" ao focar em um fazer antropológico compartilhado que prioriza as narrativas locais. O estudo busca compreender o arquivo da capela, preservado pela tradição oral e pelas histórias de vida da própria comunidade. Ao articular os vestígios da escravização e as marcas do racismo nas trajetórias de Dona Lourdes, Augusto e Padre Miguel, observa-se como o silêncio e a memória refletem e moldam as identidades no presente. Com isso, a figura da "mãe negra" (Nossa Senhora Aparecida) reverbera como um símbolo agregador de reconhecimento, permitindo a reconstrução de sentidos de pertencimento fundamentados na dignidade e na ancestralidade. A partir das contribuições teóricas e metodológicas de autores como Michael Pollak (1992), Benedict Anderson (2013), Maurice Halbwachs (1990), Achille Mbembe (2014), Conceição Evaristo (2017), Frantz Fanon (1968) Hembapé Bá (2010), estabelece-se o diálogo entre memória, arquivo e identidade negra que fundamenta esta pesquisa.

Palavras-chave: Identidade Negra; Memória; Representatividade; Capela de Nossa Senhora Aparecida; Arquivo Vivo;.

1. FEITA DE AFETOS E MEMÓRIAS: A CAPELA ERGUIDA PELO POVO

Começo esse artigo fazendo uma revisitação das minhas memórias e as memórias dos meus interlocutores da Comunidade dos milagres, localizada na cidade de Fortaleza- Ce. Essas memórias são sujeitos ativos e estão presentes do início desta pesquisa até o fim. Conheci a Capela de Nossa Senhora Aparecida, situada no bairro periférico Jardim das Oliveiras, em Fortaleza-CE, em setembro de 2011. Eu tinha 16 anos e minha avó havia acabado de falecer. Estávamos à procura de uma igreja para realizar a missa de sétimo dia de minha avó.

Me recordo que minha tia já havia ligado para algumas capelas do bairro em que morávamos, mas não tinha encontrado nenhuma, pois naquela semana teriam celebrações do

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião de Antropologia Brasileira: Ano 2026.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba e bolsista da Fapesq - PB (Doutoranda em Antropologia Social - UFPB)

calendário festivo religioso, naquela semana teriam celebrações então não seria possível realizar a missa. Era um momento delicado, de dor e saudade, e estávamos sem condições emocionais para resolver essas questões, mas, ao mesmo tempo, era algo que demandava atenção, pois minha avó era católica e a missa seria uma forma da família se despedir e pedir por ela.

Então, minha mãe lembrou da Capela de Nossa Senhora Aparecida, onde minha avó frequentava e se sentia bem, localizada na comunidade vizinha do bairro em que morávamos. Assim, a missa foi realizada na capela. Minha família sentiu muito afeto e acolhimento naquele espaço religioso, e frequentamos algumas celebrações lá por alguns meses após o falecimento de minha avó. Sentíamos que aquele lugar a lembrava e, de certa forma, nos dava a sensação de proximidade com ela.

No ano seguinte, nos afastamos da capela, pois minha mãe é de vertente espírita e voltou a frequentar sua igreja. Eu não sou uma pessoa religiosa; posso dizer que acredito em uma figura potente que olha por todos nós, mas não sei bem o que é essa figura. Pode ser o poder do universo, de energias, de entidades poderosas, sem necessariamente ser uma coisa ou outra.

É interessante pensar como a vida acontece e onde ela nos leva. Nossas histórias de vida e vivências formam nosso olhar sobre o mundo e nossa percepção das coisas. Antes mesmo de me tornar antropóloga e me perceber como mulher negra, meus caminhos já me levavam à Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Ao refletir sobre a questão da memória e os fatos vivenciados ou transmitidos por meio da história oral, é importante destacar, conforme aponta Michael Pollak (1992), em sua obra *“Memória, esquecimento, silêncio”*, que a memória é construída a partir de nossas experiências vividas e compartilhada através de relatos, documentos, objetos e outros meios, por pessoas que atuam como personagens ativos desse processo.

Além disso, ela se forma também pelo pertencimento e pela integração aos grupos sociais. Embora frequentemente se acredite que a memória seja um fenômeno estritamente individual, trata-se, na verdade, de uma construção social, influenciada pela história, pelos coletivos dos quais o sujeito social faz parte e pelas instituições que moldam e até mesmo possuem um certo “controle” a respeito dos discursos, das narrativas e os dos registros sobre o passado.

Sendo assim, a memória não é única, ela muda de acordo com a narrativa e com a interpretação de cada agente social. É seletiva e construída, podendo ser revisitada e até reajustada conforme o interesse social e político de determinados grupos ou disputas. A nossa história também não é única, pois possui diversas perspectivas que são construídas e interpretadas conforme a dinâmica de poder e de interesse social.

Em 2022, retornei à capela, desta vez para compreender, através de um viés antropológico, temas como raça, socialização, identidade, representatividade negra e religião. Muitas memórias que contei anteriormente voltaram à minha mente, mas tudo estava diferente. Eu não era mais uma adolescente, e sim uma mulher passando pelo processo de entender minha ancestralidade e abraçar minha identidade como mulher negra.

Minha mãe é branca e meu pai é negro e como mulher negra, vinda de uma família com ampla diversidade religiosa, sempre me questionei sobre o processo de identidade e o entrelaçamento entre raça e catolicismo.

Esta pesquisa nasce de uma reflexão sobre minhas questões pessoais e também das pessoas. Meu retorno à igreja foi em uma noite tranquila de sábado, em 2022, onde se iniciava aproximadamente às 19 horas a missa da Sagrada Misericórdia. A Capela de Nossa Senhora Aparecida, localizada em um bairro periférico de Fortaleza, estava lotada, com grande parte da comunidade presente, além de fiéis das comunidades religiosas dos bairros vizinhos. Com olhares de esperança, alegria e fé, as senhoras negras iam até o altar e pediam proteção à Nossa Senhora,

chamada por elas de "nossa mãe negra".

Ao saírem do altar, elas me cumprimentavam sorrindo, demonstrando conforto e felicidade naquele momento. O padre que sediava a missa era da igreja de Fátima, pois o líder religioso responsável pela capela, Padre Miguel, estava organizando a festa que ocorreria após a missa das 19 horas. Ao iniciar a missa, o padre saudou a todos e agradeceu por estar na capela naquele dia especial. Ao ler a palavra de Deus e falar sobre o significado da comemoração, o líder religioso pediu desculpas por interromper a missa, explicando que estava com muito calor devido a um curto-circuito nas instalações da capela, que fez com que os ventiladores parassem de funcionar.

Os fiéis olharam para o líder religioso e algumas pessoas concordaram balançando a cabeça. Ao retomar a palavra, ele pediu que os fiéis olhassem para a pessoa ao lado e pegassem na mão dela. Assim, a senhora negra ao meu lado olhou para mim e disse: “Posso pegar na sua mão? Tem gente que não gosta de me dar a mão.” Assustada com a afirmação e questionando o motivo, peguei na mão dela e disse: “Claro que pode, senhora.” Ela então sorriu e segurou minha mão. Refleti muito sobre aquela noite.

Apesar das dificuldades e do curto-circuito na capela, não desistiram de celebrar a missa; pelo contrário, estavam mais empenhados em fazê-la acontecer. Todos buscavam se ajudar e garantir que a igreja ficasse confortável. Parecia um milagre o padre celebrar várias missas sem energia elétrica em um ambiente extremamente quente até às 5 horas da manhã. Por isso, tive a ideia de dar o nome fictício “Comunidade dos Milagres” ao bairro Jardim das Oliveiras, onde está localizada a capela. A Comunidade dos Milagres é considerada um bairro periférico da cidade de Fortaleza - CE. A maior parte da sua economia provém da movimentação dos comércios.

O bairro é repleto de bares, pizzarias, feirinhas, gráficas, farmácias, mercados e outros empreendimentos. A maioria dos moradores trabalha e estuda no próprio bairro, pois ele é considerado distante e está localizado na área sudoeste da cidade. Trata-se de um bairro periférico que possui quatro escolas públicas, sendo duas municipais e duas estaduais, quatro creches, dois postos de saúde e não dispõe de um sistema de esgoto sanitário adequado.

O autor Benedict Anderson (2013), no texto “Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo” compreende que o mapa, censo e o museu são artifícios de poder e imaginação utilizados pelos colonos e também pelo movimento nacionalista. Além de ser uma ferramenta de poder também é uma ferramenta de controle, pois, no caso da comunidade dos milagres essas ferramentas acabam transmitindo a ideia que a comunidade é agressiva e perigosa, e, isso acaba afetando e prejudicando a vida de inúmeros moradores. Pois a ferramenta de transporte privada o “uber” não circula na comunidade, na realidade nem dá para fazer uma solicitação de corrida, quando se entra no aplicativo aparece que é uma área que é comunicada pelo mapa como

uma zona de perigo.

Conversando com os moradores do bairro, eles relataram que não conseguem compreender o porque que é considerado perigoso o bairro, não há uma quantidade recorrente de assaltos e nem de mortes na região, o que ocorre é um índice de pobreza e de falta de investimentos em escolas e em saúde, o bairro é mal assistido. Então quando começamos a pensar sobre quem são as pessoas que utilizam essas ferramentas de censo, mapa e museu percebemos que em sua grande maioria são pessoas que estão ditando a forma em que o estado os enxerga e os organiza.

Além disso, neste caso não foi nenhuma pessoa na comunidade a entender as dinâmicas sociais, antes de fazer o mapa e estabelecer que há zonas de perigo no bairro. Foi se criando fronteiras na cidade com lugares que possuíam mais atenção, acesso e meios de transportes, enquanto outros acabaram virando um território delimitado e pouco assistido. Essas fronteiras são artificiais e simbólicas, mas acabam afetando diretamente a vida daquelas pessoas e segundo alguns moradores que suas residências são localizadas na rua da capela aquele mapa simbolizando zona de perigo não as representa e nem representa a realidade da comunidade.

Nos dias atuais, em 2025, com o avanço tecnológico, possuímos novos censos, mapas e museus que se constroem através das redes sociais, das plataformas de mapas digitais e dos algoritmos que continuam moldando fronteiras e identidades, estabelecendo territórios por meio de imaginações e perspectivas muitas vezes distantes das próprias comunidades.

No centro da Comunidade dos Milagres fica localizada a Capela de Nossa Senhora Aparecida. Ela está situada na pracinha, onde também há um campo de futebol e vários comércios e casas ao redor. É uma rua bastante movimentada, sempre repleta de pessoas, onde todos se conhecem e se ajudam. Além da Capela de Aparecida, um pouco mais à frente na rua, encontra-se também uma igreja de vertente evangélica.

As pessoas mais velhas, que possuem suas vivências, contam aos filhos e netos histórias de vida, contos, parábolas, folclore e outros relatos. O autor (2010) acredita que a tradição oral é uma riqueza cultural africana e uma herança ancestral e enfatiza que a tradição oral é tão importante quanto a escrita e que ambas devem ter a mesma confiabilidade e legitimação, pois tanto a escrita quanto a oralidade são consideradas testemunhos. Apenas a forma de transmissão/comunicação que apresenta características distintas, com seus pontos fortes e limitações.

Algumas sociedades que se consideram “modernas” acreditam que as sociedades que não possuem a escrita como principal forma de transmissão de conhecimento são sociedades sem cultura. Hoje, com os debates anticoloniais e pós-coloniais, vemos esses argumentos eurocêntricos e preconceituosos caírem por terra.

Antes de escrevermos uma ideia ou história, nós pensamos e a resgatamos na nossa memória. Dito isso, o nosso pensamento é uma forma de diálogo que ocorre na nossa mente; esse diálogo, ao ser posto no papel, é lapidado, as palavras são escolhidas e colocadas em ordem através de uma narrativa de acordo com o sujeito que as escreve.

E na fala acontece algo semelhante: nós pensamos sobre aquela história, resgatamos da nossa memória e a contamos de acordo com as nossas características individuais e coletivas. Quando falamos da tradição da oralidade como fonte de saber, estamos valorizando a nossa identidade, resgatando a nossa cultura e permitindo que ela alcance todos os lugares, não apenas os espaços que são acessados só por meio da escrita. Hampâté (2010) afirma que o saber é um testemunho, e o testemunho vale o que vale o homem; ou seja, o homem é a palavra, e a palavra o constitui e o consagra. Todo testemunho, seja oral ou escrito, é produzido pelo homem, são testemunhos humanos e cada indivíduo possui uma visão, uma fé, um sonho, uma paixão que o move, um pressuposto que se constrói a partir daquilo que foi vivido ao longo dos anos por ele e pela sociedade em que está inserido.

Tudo que conhecemos surge através da palavra, a própria sociedade se estabelece a partir da palavra, da retórica, da oratória. Para ele, a tradição oral está ligada diretamente ao homem, faz parte de como ele é e de como ele é visto, possui valor, moralidade, crença espiritual e deve ser proferida com responsabilidade.

A pesquisadora, antropóloga e escritora Zora Neale Hurston, no texto *“Meu lugar de nascimento”* (1995), inicia sua discussão falando sobre o próprio passado. Ela acredita que o lugar de onde viemos influencia a forma como vemos o mundo e também a pessoa em que nos tornamos. Acredito que todas essas memórias que trago nesta pesquisa são importantes para compreendermos os caminhos e as histórias do presente. Para a autora (1995), o tempo e o espaço são elementos fundamentais para a construção das identidades e das narrativas individuais e coletivas.

O autor Johannes Fabian, em sua obra *“O Tempo e o Outro”* (1983), apresenta uma discussão muito interessante e bastante conectada à nossa reflexão. Ele faz uma crítica ao olhar antropológico tradicionalista e à forma como os antropólogos utilizavam o tempo para manter uma distância das pessoas que estavam presentes nas pesquisas.

Fabian acreditava que essa distância entre o tempo do pesquisador e o das comunidades ou das pessoas que estavam sendo “compreendidas” pelos antropólogos acabava gerando um afastamento e uma separação. Assim, muitas vezes, as pessoas em questão eram vistas como “primitivas, exóticas e selvagens”, pois os antropólogos tradicionais e modernos se viam e se caracterizavam como pertencentes ao tempo presente, enquanto as comunidades que estudavam eram interpretadas por eles como pertencentes ao “tempo passado” ou “antigo”.

Devemos ter atenção sobre isso, pois o tempo não é linear para todos os povos e ele não possui características neutras. Deste modo, ele pode ser utilizado como uma ferramenta de poder, de dominação e de reorganização do mundo. Por isso que ao escrever esse artigo tento me policiar em relação ao meu tempo e o tempo da comunidade dos milagres, eles não possuem documentos e escritos sobre seu funcionamento, mas isso faz parte de como ela é organizada e vivenciada diariamente, isso não significa que há algo de errado, os tempos são distintos, os processos são vivenciados e experimentados de outras maneiras e o tempo do pesquisador não é o mesmo da comunidade.

E não se precisa ter hierarquizações a respeito disso. Outra coisa interessante na Comunidade dos Milagres é que o tempo é vivenciado e seguido de acordo com as festividades e as celebrações religiosas, o tempo é um agente ativo na vida da comunidade, ele é seguido e sempre pontuado para que não se perca nenhuma data importante e comemorativa.

Da mesma forma que os moradores da comunidade sentiam a necessidade de fazer a economia girar, conquistar seu espaço e garantir sua sobrevivência, eles também sentiam a necessidade de ter um lugar para fazer suas orações, um espaço onde pudessem se reunir e se acolher em tempos difíceis. Com uma voz marcada pela emoção, empolgação no olhar e orgulho, Lourdes me relatou que a Capela de Aparecida foi construída pela própria comunidade.

Lourdes relatou que os moradores que moravam em frente à pracinha, em 1973, cavaram um buraco e com suas mãos ergueram os muros da capelinha. Esses moradores contaram com a ajuda de um padre de uma comunidade vizinha, que ajudou a dar entrada na documentação para que houvesse o registro da comunidade religiosa. Também contaram com a ajuda de outros moradores do bairro; alguns doaram ventiladores, cadeiras de plástico, mesas e outros materiais para que fosse possível o funcionamento da capela.

Dona Lourdes disse que o padre que ajudou na construção da igreja atualmente está próximo de completar 100 anos e que os moradores que fizeram parte deste acontecimento estão bem idosos. Por isso, ela está buscando pessoas que possam documentar essa história, escrever como a igreja foi construída e formada para homenagear os que vieram antes e contar a história para os que virão depois.

É interessante e inspirador a mobilização dos moradores da Comunidade dos milagres em terem construído uma capela com as suas “próprias mãos”, eles se mobilizaram e lutaram por construir um lugar que fosse para eles e deles. Quando Dona Lourdes fala sobre a construção da Capela, ela fica repleta de alegria, ela tem um sentimento de pertencimento, de cuidado e de integração.

A capela possui uma sala com todos os registros de sua fundação, documentados em papel e ainda não digitalizados. Lourdes está preocupada com isso. Ela relatou que as pessoas que fundaram a capela estão envelhecendo, e ela não quer que a história delas se apague com o tempo. Por esse motivo, Lourdes já está se organizando para transferir os arquivos para o meio digital e está contente que, além disso, eu estou contando a história da comunidade.

Ao chegar à praça central da Comunidade dos Milagres, já é possível ver as luzes da capela acesas. Na porta da entrada principal está o grupo de acolhimento, todos vestidos de azul e branco, as cores de Nossa Senhora Aparecida. O grupo recebe você com um grande sorriso no rosto, um aperto de mão e um abraço.

A Capela de Aparecida faz parte da área pastoral da Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Pobres, localizada em um bairro vizinho. O padre Miguel é o líder religioso responsável pelas duas comunidades. Tanto a Igreja Matriz quanto a capela são frequentadas por pessoas dos dois bairros, especialmente durante festas religiosas, organização de viagens missionárias e confraternizações.

2. VESTÍGIOS, CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E O ENTRELAÇAMENTO DE BIOGRAFIAS: PADRE MIGUEL, DONA LOURDES E AUGUSTO

Veena Das (1999), em “Fronteira, Trabalho do Tempo e Violência”, acredita que o tempo não é apenas cronológico, mas também uma ferramenta utilizada para a reconstrução da vida após episódios ou experiências traumáticas. Nem tudo é dito: muitas vezes, nossos interlocutores não conseguem falar sobre situações que vivenciaram em sua trajetória. A autora (1999) considera que o silêncio das mulheres diante das situações de violência que estavam enfrentando e que ela acompanhava como pesquisadora não deveria ser interpretado como ausência de fala, mas sim como uma estratégia de preservação e proteção. Nem tudo o que é vivido precisa ser dito ou exposto de forma pública.

Na comunidade dos Milagres o tempo é um sujeito ativo que implica diariamente a vida das pessoas, ele é marcado, vivenciado e existe uma preocupação de se organizar pelo tempo para cumprir toda a agenda sagrada. Já o silêncio está presente na fala dos interlocutores, um dos interlocutores não consegue revisitar em sua memória várias situações conflitantes que foram vividas. É doloroso para ele, fazendo com que ele se sinta mal e precise interromper o diálogo. Veena Das (1999), acredita que o silêncio pode surgir em situações cruéis de violências como a preservação do humano e da subjetividade do interlocutor.

Levando em consideração que ao narrar algumas memórias, aqueles interlocutores acabam revivendo as dores e os traumas passados. Já o autor Pollak (1983), acredita que o silêncio é uma dimensão presente e importante da nossa memória, sendo assim, ele não pode e nem deve ser visto

como uma ausência de lembranças, mas também como uma expressão dos agentes, essa expressão pode ser social e também política variando de acordo com a situação que foi vivenciada pelo indivíduo. Assim, como Veena Das, o autor Pollak compartilha a ideia que o silêncio pode surgir como uma ferramenta de proteção ou então de resistência principalmente quando falamos de traumas.

Todas as vezes que eu conversava com Dona Lourdes, Padre Miguel e Augusto, percebia que suas histórias eram vivas. Algumas eram compartilhadas com muita alegria e entusiasmo; outras vinham acompanhadas de um olhar mais baixo, um semblante reflexivo e um silêncio expressivo. Falar sobre nossas experiências é algo delicado e profundamente sensível, ainda mais quando tratamos da construção da identidade negra. Não podemos esquecer que o Brasil é um país colonizado, onde o racismo estrutural se manifesta diariamente.

As histórias que eles contavam eram difíceis, principalmente porque traziam detalhes que não gostavam de reviver, tampouco de pronunciar em voz alta. Muitas vezes, ao narrarmos uma situação ou memória, acabamos revivendo-a e experimentando diversas emoções que vêm carregadas de lembranças. Prestei atenção que muitas vezes o padre Miguel optava por ficar em silêncio, muitas vezes ao iniciarmos as conversas a respeito de sua infância ele pedia para mudarmos de assunto ou ficava em silêncio por minutos.

O autor Trouillot (1995) , no texto “Silenciando o Passado: poder e a produção da história” acredita que a história não pode ser considerada neutra ou imparcial. Ela é interpretada e até mesmo moldada pelas relações de poder existentes na sociedade e essas relações de poder acabam determinando o que deve ser lembrado e o que acaba sendo silenciado. O processo de produção e contação de histórias pelos registros públicos ou pelas instituições educadoras são feitas por escolhas, não há uma história única, mas há uma determinação do que vai ser dito através de disputas de poder. E é através dessas disputas que é escolhido o que vai ser narrado em relação aos fatos passados e o que vai ser apagado ou até mesmo excluído.

2.1 PADRE MIGUEL

Padre Miguel, aos 38 anos, é percebido por mim como um homem de pele negra. No entanto, quando conversamos sobre ancestralidade e representatividade negra, ele expressa de forma sincera sua visão sobre o assunto. No início da conversa, Padre Miguel revela que não se vê como um homem negro. Ele reconhece que possui um tom de pele mais escuro, mas não acredita que essa característica o defina como uma pessoa negra.

Padre Miguel vem de uma família do interior, que sempre foi muito católica. Ele relata que, de uma forma ou de outra, seus caminhos sempre estariam entrelaçados com a fé. Desde criança,

sentia uma grande vocação para ser padre e buscava se conectar com o mundo divino, assistindo preces e missas, estudando a Bíblia e fazendo suas orações regularmente.

Miguel não gosta muito de falar de sua infância, ele teve uma infância muito pobre e não gosta de entrar nesse assunto e nem falar muito sobre o passado. Nós pesquisadores não podemos forçar um determinado assunto quando o interlocutor não se sente à vontade, pois isso pode desencadear gatilhos de traumas e dores do sujeito. Acredito que seja por isso que ele não se reconheça como um homem negro, por conta da sua infância difícil que deixou marcas em relação a como ele identifica.

A família de Miguel é diversa, formada por pessoas brancas e negras: sua mãe é negra e seu pai é branco. Ao falar sobre sua família, ele destaca que, segundo sua perspectiva e crenças, a cor da pele não é importante. Para ele, o que realmente importa é fazer o bem ao mundo e às pessoas.

Padre Miguel acredita que todos somos iguais, com o mesmo potencial, e que aos olhos de Deus, a cor da pele não tem relevância. O relato de Padre Miguel sobre sua visão da identidade negra oferece uma oportunidade rica paamente, ao declarar que não se vê como um homem negro, apesar de reconhecer a cor de sua pele, Padre Miguel revela uma internalização complexa e reprodução do racismo.

Além disso, a visão de Padre Miguel de que a cor da pele não importa e que o que realmente conta é fazer o bem ao mundo e às pessoas, embora nobre, pode ser vista como uma forma de ignorar as questões perpassadas pelas questões raciais. Essa perspectiva, embora bem-intencionada, ignora as realidades sistêmicas do racismo que afetam as pessoas negras de maneiras profundas, violentas e muitas vezes invisíveis. Ignorar a importância da raça pode perpetuar as desigualdades e as injustiças que persistem na sociedade, então não podemos dizer que todos nós somos iguais e que a raça não impacta o meio e as relações sociais.

Alguns meses depois, após a missa do turno da noite conversei com o padre Miguel sobre identidade, representatividade negra e catolicismo, ele disse que tinha achado interessante a abordagem da pesquisa e me questionou sobre o que eu buscava compreender na capela, eu disse que queria entender: Como os fiéis negros da Capela de Nossa Senhora Aparecida constroem a sua identidade racial e se a representatividade da Santa ajuda nesse processo, se eles a enxergam como negra e por extensão se reconhecem?

Ele olhou nos meus olhos e disse que acreditava que na igreja católica, o catolicismo não havia diferença entre pessoas brancas e negras, que todos eram considerados pessoas iguais na sua do catolicismo e na sua visão como padre, mas que não tinha como falar pelos outros, ele ressaltou que gostaria que eu fosse justa com o que observasse e falasse com honestidade.

A fala do Padre Miguel é complexa e repleta de nuances. Ao abordar o catolicismo, ele não se refere apenas à capela, mas à vertente cristã como um todo. No entanto, o Padre se contradiz ao afirmar que não pode falar em nome dos outros. Portanto, se ele não pode falar por outrem, não pode afirmar categoricamente que a Igreja Católica não faz distinção entre pessoas brancas e negras, visto que sabemos que a Igreja Católica apoiou a escravização dos povos negros africanos que foram retirados de seus países e condenou a escravização dos povos originários indígenas, falaremos de forma mais explicativa a baixo.

Para refletirmos adequadamente sobre as observações do padre Miguel, é necessário falarmos e contextualizarmos brevemente a respeito da história do Brasil, o nosso país. Desde cedo, ainda crianças ouvimos histórias sobre o nosso país e sobre os nossos ancestrais, essas histórias são contadas através da oralidade pelos nossos familiares e pessoas próximas e também através dos estudos, da leitura, dos paradidáticos e livros de ensino.

De acordo com a autora Sharpe (2023), viver no vestígio da escravização é viver em um estágio de alerta/ emergência contínuo. Onde as consequências do passado estão presentes na nossa vida e a vida é marcada e moldada por essas consequências. O vestígio são as marcas presentes na fala de Miguel, a forma que ele não se reconhece como um homem negro e as dores contidas no silêncio trazido por ele. Esse vestígio é algo que se ficou, que é visto e é algo doloroso que marca e ressoa na trajetória de Miguel.

Segundo Achille Mbembe (2014) , em sua obra "Crítica da Razão Negra" a negritude vai além dos aspectos fenotípicos, envolvendo uma auto identificação profunda e um reconhecimento das raízes africanas. A negação da própria negritude, como demonstrada por Padre Miguel, pode ser vista como resultado da internalização do racismo e da tentativa de se conformar aos valores da sociedade dominante.

Essa perspectiva destaca a necessidade de uma reconexão com a sua ancestralidade para superar a alienação e valorizar a própria identidade negra, pois o processo de construção de identidade acontece de fora para dentro e de dentro para fora, ou seja, ocorre através do meio individual e coletivo. Sharpe (2023), acredita que o racismo está presente nos projetos nacionais e imperialistas e ele é manifestado através das práticas em grupos sociais, através das instituições e das ações públicas.

Padre Miguel me olhou nos olhos e disse que acreditava que na igreja católica, o catolicismo não havia diferença entre pessoas brancas e negras, que todos eram considerados pessoas iguais na sua do catolicismo e na sua visão como padre, mas que não tinha como falar pelos outros, ele ressaltou que gostaria que eu fosse justa com o que observasse e falasse com honestidade.

Frantz Fanon (2008) descreve o fenômeno da "máscara branca," que ocorre quando pessoas negras adotam uma "máscara" para serem aceitas e se sentirem pertencentes à sociedade branca. Ele argumenta que essa perda de identidade é uma tentativa de escapar da opressão, mas, paradoxalmente, perpetua ainda mais o racismo. Fanon (2008) critica essa negação da própria negritude, visto que resulta não apenas na perda de identidade, mas também na continuação da opressão racial. Para que o homem negro resgate e reconstrua sua identidade, Fanon defende que é necessário valorizar sua cultura, sua ancestralidade e sua percepção de si mesmo como um homem negro.

Por exemplo, em uma conversa com o Padre Miguel sobre sua identidade, ele afirmou que amava sua cor, mas não se via como um homem negro. Esse exemplo ilustra a complexidade da construção identitária e como a internalização do racismo pode influenciar a percepção de si mesmo. O reconhecimento e a valorização da própria negritude são passos fundamentais para a reconstrução de uma identidade autêntica e a busca pela verdadeira liberdade e dignidade. E também percebemos que essas dores que são vistas através dos vestígios presentes na fala de padre miguel são reflexo de uma sociedade colonizada e desigual.

2.2 AUGUSTO

Já Augusto, é um homem negro de 33 anos, é alguém cheio de sonhos, entre eles se tornar professor de educação física. Desde jovem, ele desejava cursar uma faculdade e, agora, seu maior objetivo é concluir o ensino médio para seguir adiante com seus estudos. Ele vive com sua mãe, ela é cozinheira e sustenta a casa com um salário mínimo. Para complementar a renda, Augusto trabalha como vendedor e entregador.

Ele gostaria de ter mais tempo para se dedicar aos estudos, mas enfrenta desafios significativos. Sua mãe, sozinha, não consegue arcar com todas as despesas da casa, especialmente porque eles cuidam do avô, que sofre de Parkinson. A doença exige cuidados diários e atenção constante, e o avô de Augusto tem dificuldades de locomoção e alimentação. Augusto e sua mãe se revezam para cuidar dele, fazendo o possível dentro de suas limitações.

Quando a mãe está no trabalho, Augusto assume a responsabilidade de cuidar do avô, e, quando ele precisa trabalhar, sua mãe cuida do avô. A vida de Augusto é repleta de desafios e responsabilidades, mas ele sempre mantém um sorriso no rosto e está disposto a ajudar os outros.

Devoto de Nossa Senhora desde a infância, ele participa do grupo de acolhimento da igreja e sempre está na porta da Capela recebendo cada fiel com um sorriso no rosto.

Augusto revela que Nossa Senhora sempre cuidou dele, especialmente nos momentos em que enfrentou rejeição e preconceito devido à sua classe social, questão racial e sexualidade. Augusto, que é homossexual, relata que, na igreja, ninguém comenta ou opina sobre sua orientação sexual, pois ele acredita que isso é um assunto particular, não cabendo discussão coletiva ou religiosa.

Descrivendo-se como um homem de personalidade forte, Augusto afirma que ninguém o critica, pois sabe que ele não ficaria calado diante de comentários negativos. Quando conversamos sobre o que Nossa Senhora Aparecida representa para ele, Augusto destaca que ela simboliza resiliência e coragem. Essa devoção lhe dá forças para enfrentar as adversidades com determinação e esperança, sempre buscando realizar seus sonhos e contribuir para o bem-estar de sua família e comunidade.

Augusto também falou sobre as situações de preconceito racial que enfrenta. Ele conta que, nesses momentos, pede forças a Nossa Senhora Aparecida para que o abençoe e proteja. Em inúmeras ocasiões, quando visitava outras igrejas para assistir às missas, sentia-se mal, com medo e receio ao perceber que as pessoas o encaravam de maneira fixa, o que ele interpreta como uma manifestação de racismo. Augusto acredita ser uma pessoa comum e que não há nada de errado com ele para ser tratado de forma a fazê-lo sentir-se diminuído ou não pertencente.

Ele relata que tem orgulho de sua cor, de sua origem e de sua sexualidade e que, mesmo com os preconceitos diários que sofre, em nenhum momento deixará de ser ele mesmo. Augusto também conta que não deixará de manifestar suas crenças religiosas, independentemente de isso gerar incômodo em outras pessoas. Ele enfatiza que, na Capela de Nossa Senhora Aparecida, todos o conhecem e o respeitam, mas que é comum enfrentar essas situações de preconceito em outras comunidades religiosas que frequenta ocasionalmente.

Para Sueli Carneiro (2015), a interseccionalidade é um termo importante para entendermos como as opressões sociais não se manifestam de forma isolada, ou seja, a interseccionalidade seria então uma integração de formas de opressões, essas opressões podem ser entendidas como um sistema de desvantagem e desigualdade para determinados grupos sociais.

Ela utiliza esse termo: interseccionalidade de forma densa na sua obra “*Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*”. No caso de Augusto podemos dizer que ele sofre uma série de preconceitos marcados pela combinação de racismo, homofobia e classismo. Augusto enfrenta múltiplas formas de opressão que se sobrepõem.

A dinâmica familiar de Augusto, especialmente o cuidado mútuo entre ele, sua mãe e seu avô, também contribui para a construção de sua identidade. O apoio familiar e o sentido de responsabilidade fortalecem sua identidade. Augusto possui orgulho de quem ele é, da sua cor,

origem e sexualidade, sendo assim, mesmo com todas as opressões sociais ele não permite que o preconceito o impeça de manifestar quem ele é de verdade.

2.3 DONA LOUDES

Dona Lourdes é uma das pessoas mais acolhedoras que tive o prazer de conhecer na capela. Sensível e muito gentil, ela tem 45 anos e é uma talentosa artista que canta magnificamente. Durante nossas conversas e entrevistas, ela revelou que sempre sonhou em ser cantora, mas acabou se tornando professora de escola pública e faz parte da tesouraria da igreja. Dona Lourdes cresceu no bairro, e toda a sua família contribuiu para a construção da igreja. Seus filhos frequentam a capela, e ela é extremamente carinhosa e sensível com todos, além de ser profundamente devota de Nossa Senhora Aparecida. Lourdes acredita que a santa sempre a acompanha, transmitindo-lhe segurança, confiança e bênçãos.

A trajetória de Lourdes sempre esteve vinculada ao cuidado. Ela contou que sua mãe lutou para se tornar professora e lhe proporcionar uma vida melhor. Dona Lourdes conseguiu fazer o mesmo por seus filhos e hoje também é professora, assim como sua mãe. Para ela, a santa simboliza amor. Lourdes afirmou que adora sua devoção à Nossa Senhora Aparecida e que sempre ouvia seus chamados. Ela acredita que a representação da imagem da santa contribui para o processo de construção da identidade negra. Lourdes vê a santa como negra, acredita que ela não era branca e que tem o poder de manter a igreja integrada e unida.

Lourdes se reconhece como uma mulher negra e acredita que a representação de Nossa Senhora Aparecida como uma santa negra é crucial para a integração e união da comunidade. Apesar de ter enfrentado preconceitos devido ao seu tom de pele retinto, ela desenvolveu uma forte consciência de si mesma e do poder que possui, não permitindo que os preconceitos a abalem.

Ao reconhecer e afirmar sua identidade negra, Lourdes está continuamente moldando sua própria percepção e a percepção que os outros têm dela. Ela não apenas se reconhece como negra, mas também valoriza essa identidade, especialmente em relação à representação religiosa de Nossa Senhora Aparecida.

De acordo com o autor Stuart Hall, o processo de identidade nunca está totalmente finalizado; ele é construído e modificado ao longo do tempo e das experiências de vida dos indivíduos. Hall (2006) explica que a representação é um processo essencial pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, signos, símbolos e imagens para expressar algo sobre o mundo para as pessoas. Quando falamos da representação do mundo através de imagens, enfatizamos que essas figuras não são um reflexo da realidade em si, mas sim, uma forma pela qual a sociedade se

representa a si mesma e aos outros.

3. CONCLUSÃO

Falar sobre pessoas é algo difícil, pois lidamos com histórias que carregam um peso grande na vida de cada um, nem todas as histórias são boas e algumas ainda ocasionam dores. Conceição Evaristo fala que quando escrevemos nós sangramos e que a vida é sangrar e viver é exatamente isso ao escrevermos estamos colocando boa parte do que vivemos no texto, estamos lidando com a vida e essa vida tem movimento e tem constância, ela muda e os eventos passados vividos deixam marcas.

Escrever é uma forma de levar histórias e fazer com que elas não sejam esquecidas, o que dona Lourdes sempre quis para a capela é que ela fosse lembrada. E realmente será, ela ficará na memória de toda a comunidade dos milagres, como um lugar único que potencializa cada um deles, um lugar que integra, que une o que tem também os seus desafios e os seus pontos críticos, mas ainda assim, e, um lugar bom de se estar, de se conhecer e de se viver.

Seu envolvimento na igreja, tanto na organização quanto no grupo de liturgia, reflete seu desejo de contribuir e apoiar sua comunidade. Lourdes é uma figura central e procurada, conhecida por seu acolhimento e disposição para ajudar os outros. Stuart Hall (2006), um dos principais teóricos, argumenta que a construção da identidade ocorre através da cultura. Dona Lourdes encontra na devoção a Nossa Senhora Aparecida uma fonte de identidade e força. A representação da santa como negra ajuda a reforçar a identidade cultural e religiosa de Lourdes, conectando-a a uma história mais ampla de resistência e solidariedade.

Cada pessoa possui uma história e cada história leva para uma forma de ser e pensar no mundo, essa forma de ser e pensar é reverberada e estendida para a identidade. A partir do que se vive e do que se acredita que podemos falar de quem se é. A figura de Aparecida, uma santa que para muitos é negra e para muitos é branca constrói um ambiente acolhedor para cada um dos fiéis, independente de como ela é representada os fiéis acreditam que sim ela agrega na vida de cada um, sabemos que são de formas diferentes, alguns constroem as suas identidade a partir da fé e da representação negra da santa, outros negam sua identidade e constroem outra com um significado diferente, mas todos possuem uma fé que para eles os move.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Censo, mapa, museu. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. 3. ed. São Paulo: Schwarcz S.A., 2013. p. 226-255.

BÂ, Amadou Hampatê et al. **_A tradição viva_**. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.
DAS, Veena. Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos.

Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), v. 14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999. EVARISTO, Conceição. **_Becos da memória_**. Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In C. L. Duarte & I. Nunes (Eds.), *Escrevivência: à escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, pp. 26-47. Mina Comunicação e arte.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Tradução de Denise Jardim Duarte; prefácio de Matti Bunzl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Antropologia).

FANON, Frantz. **_Os condenados da terra_**. Tradução de Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

HALL, Stuart. **_A Identidade Cultural na Pós-modernidade_**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990

HURSTON, Zora Neale. **_Olualê Kossola: as palavras do último homem negro escravizado_**. São Paulo: Editora Record, 2021.

MBEMBE, Achille. **_Crítica da Razão Negra_**. 1ª edição. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAID, Edward W. **_Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente_**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SHARPE, Christina. **No vestígio: negridade e existência**. Tradução de Ana Carolina Mesquita e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Trouillot, M. **Silenciando o passado**. poder e a produção da história. Curitiba: huya, 2016. Ler o capítulo 1: O poder na estória. P.19-63.

Zambrano, Marta. Gnecco, Cristóbal. **Memórias Hegemônicas, memórias dissidentes: el pasado como policia de la historia**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia e História, 2000. (Introdução, pp. 9-23; Escrito para no morrer: Memoria desde la exclusión, pp. 317-